

# A Simbologia das Aves na Mística Sufi: As Etapas do Caminho Espiritual e o Conhecimento de Deus

Natália Maria Lopes Nunes

Investigadora integrada do Instituto de Estudos de Literatura e Tradição (IELT) e colaboradora do do Instituto de Estudos Medievais (IEM) - Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa; colaboradora do Centro de História (CH) - Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (FLUL. E-mail: [alnunes@hotmail.com](mailto:alnunes@hotmail.com))

Breve nota: Este texto foi apresentado em 2015, no 1º Congresso Internacional As Aves na História Natural, na Pré-História e na História, que decorreu em Lisboa, na Biblioteca Nacional, entre os dias 23 e 25 de Setembro de 2015. Apesar de ter sido enviado atempadamente para publicação, por lapso, o texto não foi publicado, razão pela qual surge agora neste número do Boletim do Centro Português de Geo-História e Pré-História

Recebido: 9-9-2021. Publicado: 30-11-2021

## Resumo

As aves fazem parte integrante da simbologia no misticismo islâmico. De entre as diversas aves, destaque para o simurgh e para a fénix. Diversos autores, por exemplo, Avicena, *al-Ghazālī*, *Aṭṭār* e Ibn 'Arabī introduziram os pássaros nas suas obras místicas para exprimir verdades espirituais, sobretudo sobre o caminho espiritual e o conhecimento de Deus.

*Palavras-chave:* aves, Sufismo, simbolismo, ascensão espiritual

## Abstract

Birds form an integral part of the symbology in Islamic mysticism. Among the various birds, highlight the simurgh and the phoenix. Several authors, such as Avicenna, *al-Ghazālī*, *Aṭṭār* and Ibn 'Arabī, introduced the birds in their mystical works to express spiritual truths, especially on the spiritual path and the knowledge of God.

*Keywords:* birds, Sufism, symbolism, spiritual ascension.

## 1. INTRODUÇÃO

As aves são animais que acompanham a história da humanidade e estão presentes em diversos domínios, por exemplo, nas diferentes mitologias, na pintura, na arquitetura, na literatura, no folclore, na religião, entre outros. A importância das aves é também diversa e pode estar ligada ao canto, às suas penas, ao voo, etc., variando a sua simbologia consoante as civilizações e as tradições.

Um dos grandes símbolos das aves é serem representações da alma, aspeto que está presente no próprio mito da fénix (a força regeneradora), em alguns frescos do Antigo Egito, nas antigas religiões do Próximo Oriente, na simbologia cristã e ainda no próprio Corão, onde a linguagem dos pássaros surge associada ao conhecimento espiritual e à própria

alma. A literatura mística sufi integrou essa representação das aves e, muitas delas, nomeadamente as que são referidas nas obras que constituem o *corpus* de análise deste artigo, remetem para um relato iniciático, onde as aves são as almas em busca do caminho espiritual, sendo uma representação do ser humano na sua viagem existencial até atingir um plano superior, depois de ultrapassar um verdadeiro combate ascético. Por outro lado, estes aspetos têm também uma correlação com a viagem noturna do Profeta. Como afirmámos no nosso artigo:

O objetivo consistia em ultrapassar os limites de cada estação, chegando até Deus. A meta final dessa viagem iniciática tinha como arquétipo a viagem noturna do Profeta a Meca, *isrā*, «do oratório consagrado [A Meca] ao oratório último [à Bayt al-Ma-

qdis, Jerusalém]» (Corão, XVII: 1). A viagem noturna do Profeta é representada, simbolicamente, pela Árvore do Mundo. Através dessa viagem, o Profeta é o protótipo da realização espiritual na qual, após um momento ascensional que permite ascender à Árvore Cósmica, regressa ao mundo manifesto depois da contemplação da Beleza Divina. (Nunes, 2013, p. 153)

Assim, com esta comunicação, através de uma metodologia ligada à fenomenologia do imaginário, é nosso objetivo descodificar a simbologia das aves na literatura mística muçulmana (no Sufismo). Nesse sentido, iremos analisar alguns textos/obras, de entre as quais, *Risālat at-ṭayīr (A Epístola do Passá-ro)* de Avicena (Abū ‘Alī al-Ḥusayn ibn ‘Abd Allāh ibn Sīnā – 980-1037); *Risālat at-ṭayīr (A Epístola do Passá-ro)* de al-Ghazālī (1058-1111); *Manṭiq al at-ṭayīr (A Conferência das Aves ou A Linguagem das Aves)* de ‘Atṭār (*Farīd al-Dīn Muḥammad ibn Ibrāhīm ‘Atṭār – 1145/1221*) e ainda *Risālat al-ittiḥād al-Kawnī (O Livro da Árvore e dos Quatro Pássaros)* de Ibn ‘Arabī (Muhammad ibn ‘Alī ibn ‘Arabī – 1165/1240). Deste corpus de análise, damos especial ênfase à obra de ‘Atṭār e, de entre as várias aves presentes nas obras citadas, destacamos o simurgh e a fénix, ambas ligadas ao percurso iniciático ou espiritual.

## 2. RISĀLAT AT-ṬAYĪR (A EPÍSTOLA DO PÁSSARO) DE AVICENA

A importância das aves na cultura árabe remonta à época pré-islâmica. Posteriormente, com o Islão, à semelhança dos seres humanos, as aves são consideradas como crentes, fazendo parte da comunidade, e sendo dotadas de sensibilidade e de moralidade. Existem diversas referências às aves, muitas delas, associadas aos Profetas. A título de exemplo, temos Abraão (sura 2, versículo 260), Jesus (sura 5, versículo 110), Salomão (sura 27, versículo 17) e David (sura 38, versículos 17 a 19). As aves, tal como outros animais, são uma manifestação de Deus e, muitas

das vezes, surgem associadas a milagres. Neste sentido, simbolicamente, elas são uma manifestação da sabedoria e da verdade, as intermediárias entre o céu e a terra. De todas as aves, a poupa é a mais referida no Corão.

Seguindo a tradição iraniana, as aves estão intimamente ligadas à mística sufi, ao percurso dos homens e das mulheres que seguiram a via do Sufismo (misticismo islâmico). Como afirma Habibollah Sharifi, a ave pode simbolizar presságio, mensagem, liberdade, libertação, alma que se solta do corpo, etc. (Cf. Sharifi, 1997, pp. 217-228)

Na *Risālat at-ṭayīr (A Epístola do Passá-ro)* de Avicena (Abū ‘Alī al-Ḥusayn ibn ‘Abd Allāh ibn Sīnā – 980-1037), a presença das aves surge através de uma linguagem metafórica e alegórica, onde se relata, simbolicamente, o aprisionamento das aves por uns caçadores:

Relato. Sabed, Hermanos de la Verdad, que un grupo de cazadores salieron en partida al desierto; tendieron sus redes, colocaron los cebos y se ocultaron entre la maleza; en cuanto a mí, estaba en la bandada de pájaros. Cuando los cazadores nos avistaron, para atraernos hicieron sonar un reclamo tan agradable que nos sumió en la duda. Nos mirábamos unos a otros, veíamos un lugar tan apacible y placentero, nos sentíamos tan bien acompañados que no experimentábamos inquietud alguna, ni ninguna sospecha nos impidió encaminarnos hacia aquel lugar, volando hacia allá. Al momento caímos en las redes, las anillas ciñeron nuestros cuellos, las mallas aprisionaron nuestras alas, los cordeles anudaron nuestros pies; cualquier movimiento que intentábamos sólo servía para amarar más fuertemente nuestros lazos y agravar nuestra situación (10). (Ibn Sina, 1998, p. 3)

Aprisionadas, as aves acabam por esquecer o seu estado livre inicial e, remetendo para o percurso do místico, a procura iniciática consiste em libertar-se de tudo o que está ligado ao corpo, todos os entraves que impedem o percurso espiritual. Contudo, este percurso inicia-se com o conhecimento de si mes-

mo, ou seja, o homem, representado no texto pelas aves, tem de reencontrar-se primeiro, pois só assim é possível a sua evolução e libertação.

Na obra de Avicena, é importante a referência à prisão em que as aves se encontram devido à armadilha que as encerrou em gaiolas até quase esquecerem a sua situação de prisioneiras. É apenas quando vislumbram outras aves a voarem em liberdade que sentem também o desejo de fugir e de se libertarem desse estado de aprisionamento. Depois, reconhecer o outro consiste em reconhecer-se a si mesmo. Como refere o texto de Avicena:

Pero he aquí que un día, mientras miraba entre las mallas de las redes, vi una bandada de pájaros que habían sacado las cabezas y alas de la jaula y se preparaban para el vuelo (12). En sus pies aún se veían los nudos de las cuerdas, no tan apretadas para impedirles el vuelo, ni tan sueltas como para permitirles una vida tranquila y sin cuidados. Viéndolos, recordé mi anterior estado, del que ya había perdido la conciencia. Lo que en el pasado fue mi vida familiar, me hizo sentir la miseria de mi actual condición (13). Hubiera querido morir de tan gran tristeza o que mi alma se escapara sin ruido de mi cuerpo cuando los viera partir [...] - También nosotros fuimos cautivos del mismo mal que el tuyo; igualmente sufrimos desesperación, fuimos familiares de la tristeza, de la angustia y del dolor. (Ibn Sina, 1998, p. 3)

Após um longo percurso, as aves chegam à sétima morada, lugar de contemplação e onde tudo está em harmonia:

Tras de habernos puesto de acuerdo para la partida, nos separamos de aquellos lugares y llegamos a la séptima montaña. Su cima era tan elevada que se perdía en el Cielo; sus laderas estaban pobladas de pájaros. Jamás había escuchado una música tan brillante, ni contemplado colores tan espléndidos, formas tan graciosas, ni encontrado compañía tan dulce. (Ibn Sina, 1998, p. 4)

Porém, esta sétima morada dá acesso a um local ainda mais esplêndido, onde mora o Rei Supremo, local onde os pássaros entraram em êxtase e, com

confiança, acabaram por contar a sua história:

- Más allá de esta montaña hay una ciudad en la que vive el Rey Supremo.

Cualquier oprimido que llega a implorarle su protección y confía plenamente en él, el Rey aparta de él la injusticia y el sufrimiento mediante su poder y su ayuda [...] Llegamos, al fin, al trono (20) del Rey. Cuando se descorrió el último velo y la hermosura del Rey resplandeció ante nuestros ojos, quedaron en suspenso nuestros corazones y fuimos presa de estupor tal que no pudimos ni formular nuestras quejas. Sin embargo, él se dio cuenta de nuestro desmayo, nos devolvió la confianza con su amabilidad; y así nos atrevimos a hablarle y a contarle nuestra historia. (Ibn Sina, 1998, p. 5)

Na obra de Avicena, está subjacente o convite à ascensão celeste, simbolicamente, uma representação individual do *Mi'râj*, a ascensão do Profeta. Segundo Amélie Neuve-Eglise:

Toute la quête du mystique sera alors de se ressouvenir de sa nature première pour ensuite se libérer des entraves du corps et reprendre son envol vers son monde ; périple qui ne pourra s'effectuer sans la rencontre de son guide intérieur. L'oiseau est ici cette contrepartie céleste du moi terrestre qui l'invite à accomplir son ascension céleste ; son *Mi'râj* personnel. (Neuve-Église, 2007)

### 3. *RISĀLAT AT-ṬAYĪR (A EPÍSTOLA DO PÁSSARO) DE AL-GHAZZĀLĪ*

Entre os séculos XI-XII, também o sufi persa *al-Ghazālī* (1058-1111) vai escrever a *Risālat at-ṭayīr (A Epístola do Passáro)*. Neste texto, as várias espécies de aves reúnem-se e consideram que precisavam de um rei e a única ave que poderia ter essa função era a fénix. Através das aves, *al-Ghazālī* apresenta o seu entendimento sobre a via iniciática e as etapas que levam o homem a aproximar-se da divindade. No texto, está também subjacente uma relação intrínseca entre a via ou viagem iniciática e a ascensão de Maomé e de todos os outros profetas. As aves são representações de seres intermediários entre a Terra

o Céu, entre o homem e Deus no percurso difícil da espiritualidade. Como explicita Slimane Rezki:

[...] les oiseaux symbolisent les anges ou les états intermédiaires entre la terre (l'homme) et le Ciel (Dieu). La faculté de voler que possède l'oiseau s'assimile à celle que l'homme a de se dépasser donc de s'élever au-dessus de son domaine naturel que symbolise la terre. Les difficultés du voyage comme les déserts, les montagnes, les températures extrêmes... symbolisent les multiples difficultés que rencontre l'être pour se débarrasser de ses mauvaises habitudes. (Rezki, 2012, p.4)

#### 4. A CONFERÊNCIA DOS PÁSSAROS DE 'AṬṬĀR

No século XII, surge *A Conferência dos Pássaros*, obra poética de mística sufi escrita por *Farīd al-Dīn Muḥammad ibn Ibrāhīm 'Aṭṭār (1174-1248)*. A obra é composta por 729 dísticos e é inspirada nas tradições anteriores de Avicena e de al-Ghazālī, entre outros. Resumidamente, a história relata uma viagem realizada por diversas aves em busca de Simurgh, o rei que as governasse. No início, muitas das aves desistem da aventura da viagem para o desconhecido, apresentando desculpas, mostrando, assim, as suas fraquezas e ligações que as impedem de prosseguir a busca espiritual. Mas aquelas que se aventuraram iniciaram um percurso que as levou a atravessarem vários lugares, onde lhes era solicitado o abandono de algo de si, o que equivalia a um desprendimento cada vez maior do ego, pois apenas seria possível atingir o objetivo final, deixando para trás tudo o que estivesse ligado ao ego. A viagem estava repleta de dificuldades e as aves eram constantemente postas à prova. A travessia dos sete vales levou a que muitas dessas aves se perdessem e morressem pelo caminho, na impossibilidade de avançarem nessa procura profunda do seu eu. Apenas trinta aves superaram a prova e chegaram ao cimo da montanha Qāf, onde se encontrava o rei Simurgh que as recebeu e as fez compreender que ele era o seu próprio espelho, assim como essas aves eram igualmente o espelho

dele próprio. Assim, ao chegarem à etapa final da sua peregrinação, as trinta aves acabam por contemplar Simurgh que mais não é do que elas mesmas.

A obra de 'Aṭṭār insere-se na literatura mística persa de carácter alegórico, dando igualmente uma grande importância à linguagem das aves, como se verifica também em outros sufis, como por exemplo, em al-Rūmī (1207-1273) e, mais tarde, em Hāfiz (1310-1337), assim como na pintura, na caligrafia e na iluminura de alguns manuscritos. A origem do título da obra de 'Aṭṭār advém do Corão (Corão, XXVII: 20-24 e 26-30), onde existe uma referência a Salomão e à poupa, destacando-se esta ave como mensageira e conhecedora dos mistérios divinos. Ainda no Corão, Salomão, herdeiro de David, refere que aprendeu a compreender a linguagem das aves, associando-se, assim, a uma linguagem secreta que todo o iniciado deve ter (Corão, XXVII: 16). Posteriormente, esta ideia surge também veiculada pelo sufi persa Suhrawardī (Shihab al-Din Abu al-Futuh Yahya ibn Habash ibn Amirak al-Suhrawardi, 1155-1191) na sua obra *Relato do Exílio Ocidental*. (Cf. Suhrawardi, 2005)

Salomão e a sua relação com a linguagem das aves é igualmente um aspeto retomado no início da obra de 'Aṭṭār:

*Bem-vinda sejas, ó Poupa! Ó tu, que foste guia do rei Salomão e o verdadeiro mensageiro do vale, que tiveste a boa fortuna de chegar aos confins do reino de Sabá! Foi deliciosa a tua fala gojeada com Salomão; por teres tido sido sua companheira, foi-te imposta uma coroa de glória. (Attar, 2013, p.15)*

Ora, é precisamente a Poupa que vai instigar as outras aves a irem à procura do reino de Simurgh, sendo, por isso, a guia desse trajeto espiritual. Na reunião que antecede a viagem, existe ainda a referência a outros pássaros, como o rouxinol, o papagaio, o pavão, o pato, a perdiz, o hummay (ou humma, pássaro mitológico), o falcão, a garça, a coruja e o pardal. Contudo, os pássaros reconhecem as suas fraquezas e receiam não terem capacidade para chegarem ao reino de Simurgh:

*- Tu te encarregaste de nos mostrar o Caminho; tu, o melhor e mais poderoso dos pássaros. Mas somos frágeis sem penugem nem penas, e, assim sendo, como milagre, relação entre esse ser e nós, ser-nos-ia muito mais fácil encetar a jornada. (Attar, 2013, p. 40)*

A Poupa esclarece os pássaros sobre o Caminho a seguir, aludindo à imagem do espelho e ao coração como órgão fundamental para se ter acesso à imagem de Simurgh. Este aspeto é extremamente importante e remete para o Amor que as aves devem ter no coração, para encontrarem o caminho do reino de Simurgh. Mas esse Amor deve ser um sentimento desinteressado, através do qual os pássaros (representações metafóricas dos homens) devem abandonar tudo o que os liga ao mundo terreno, perdendo até a noção do próprio corpo e da própria alma. Contudo, esse processo é penoso e apenas se pode atingir a etapa final através do sofrimento e do sacrifício. Como explica a Poupa sobre a viagem proposta ao reino de Simurgh:

*[...] para amar de verdade é preciso esquecer-se de si mesmo, esquecer-se de ser asceta ou libertino. Se os vossos desejos não estão de acordo com o vosso espírito, sacrificai-vos; chegareis até ao fim da viagem. Se o corpo de desejo obstruir o caminho, rejeitai-o; [...]. Mas não pode haver amor verdadeiro sem sofrimento [...]. O amor abrirá a porta da pobreza espiritual, e a pobreza mostrará o caminho da descrença. Quando a descrença e a religião deixarem de subsistir, o vosso corpo e a vossa alma desaparecerão. Sereis então dignos dos mistérios – esta é a única maneira de os sondar, se o quiserdes.*

*Avançai, pois, sem medo. Abandonai as coisas infantis e, acima de tudo, tende coragem; pois uma centena de vicissitudes assaltar-vos-á de surpresa. (Attar, 2013, pp. 44-45)*

Depois de discutirem a proposta da viagem apresentada pela Poupa, os pássaros decidem iniciar a jornada, mas, antes disso, pedem à Poupa mais esclarecimentos face às suas apreensões. Um grande número de pássaros apresenta um discurso onde es-

tão subjacentes os diversos aspetos que os ligam ao mundo terreno, nomeadamente aos bens materiais, às paixões e desejos mundanos, à sua comodidade, entre outros. Perante esses discursos, a Poupa fala-lhes novamente de como deve ser feito o Caminho. Este apenas seria possível através do desprendimento de tudo aquilo que subjuga e escraviza os pássaros (os homens) no mundo terreno e profano. Então, a Poupa volta a reafirmar o seguinte:

*O Caminho não está aberto para qualquer um; só aos justos é permitido trilhá-lo. Quem se esforça neste Caminho deve fazê-lo tranquilamente e com todo o coração. Quando tiveres queimado tudo o que possuis, junta as cinzas e senta-te sobre elas. Enquanto não morreres para todas as coisas deste mundo, uma a uma, não serás livre [...]. Para palmilhar esta estrada é importante que seja interiormente sincero – e ser-se sincero consigo mesmo é mais difícil do que pensar. (Attar, 2013, p. 96)*

O Caminho espiritual consiste, assim, em sete etapas e cada uma delas corresponde a um vale que tem de ser cruzado e ultrapassado até chegarem ao fim da jornada, até Simurgh. Simbolicamente, o trajeto pode representar-se, através de uma linha ascensional, partindo da etapa mais fácil até à mais difícil, mas onde o amor e a esperança são fundamentais para atingir o fim:

*No caminho espiritual, o amor e a esperança são necessários. Se não os trouxeres contigo, melhor será que renunciés à busca. O homem tem de tentar ser paciente. Mas é paciente o amante? Sê paciente e persevera, esperançoso, para encontrar alguém que te mostre o Caminho. Mantém-te dentro de ti mesmo e não deixes a vida exterior capturar-te. (Attar, 2013, p. 130)*

Então, para chegar ao fim, para atingir Simurgh, as aves vão atravessar sete vales e o número sete, em si mesmo, já tem também um carácter simbólico, pois representa a perfeição, a conclusão de um ciclo, a tomada de consciência sobre algo, a renovação, totalidade e a espiritualidade, entre outros aspetos. (Cf. Chevalier; Gheerbrant, 1998). Para além do núme-

ro, também o nome de cada vale é muito sugestivo na ascensão do caminho espiritual: Vale da Busca (talab), Vale do Amor (‘ishq), Vale da Compreensão (ma’rifat), Vale da Independência (istignā), Vale do Alheamento ou Unidade (tawhīd), Vale do Espanto ou Encantamento (hairat), Vale da Pobreza (faqr) e do Nada (fanā). Por outras palavras, as aves, representações do ser humano, para ascenderem espiritualmente, têm de entrar num processo de purificação. Este começa pelo desejo da procura de Deus, baseado no amor para atingir o conhecimento e a sabedoria necessários, desapegado de tudo aquilo que liga ao mundo terreno, reconhecendo a unicidade divina que lhe permite a estupefação e que o conduz ao esquecimento de tudo, atingindo a pobreza, que levará ao aniquilamento completo do ego para, esquecido de si mesmo (do corpo e da alma), possa, finalmente, estabelecer a unidade com o Amado, contemplar a face divina:

*Um germe alimenta-se com uma centena de cuidados e de amor para que possa vir a tornar-se um ser inteligente e ativo. Instruem-no e ministram-lhe os conhecimentos necessários. Depois vem a morte e tudo apaga; a sua dignidade é atirada ao chão. O que era um ser converteu-se no pó da estrada, aniquilado várias vezes; nesse ínterim, porém, foi-lhe permitido aprender uma centena de segredos de que antes não se dera conta; e, no fim, recebe ele a imortalidade e é honrado em lugar de ser desonrado. Sabes o que possuis. Entra em ti mesmo e reflete sobre isso. Enquanto não compreenderes o teu nada e não abdicares da tua presunção, da tua vaidade e do teu egoísmo, não atingirás as culminâncias da imortalidade. No Caminho és abatido com desonra e erguido com honra. (Attar, 2013, p. 170)*

É de salientar que simurgh é uma ave mítica que se encontra ao longo da História da Pérsia e em diversas narrativas místicas. Na obra de ‘Aṭṭār, a origem do nome simurgh remete para o número trinta, a partir do prefixo *si* do vocábulo, ou seja, *si* = trinta e *murgh* = pássaro/ave. Esta ave tem uma enorme importân-

cia na tradição iraniana como ave lendária da antiga Pérsia, já retomada de alguns textos de *Avesta*, e de algumas obras de literatura pahlavi. É também a ave representada em alguns emblemas dos sassânidas. Para além disso, na cultura iraniana, surge igualmente no vestuário, em mosaicos e em algumas peças de cerâmica. Como afirma Henry Corbin:

*Au terme de leur longue et douloureuse quête, voici donc que Sîmorgh est alors le miroir révélant aux trente oiseaux survivants le mystère de leur être. Lorsqu’ils tournent leur regard vers Sîmorgh, c’est bien Sîmorgh qu’ils voient. Lorsqu’ils se contemplent eux-mêmes, c’est encore Sî-morgh, trente oiseaux, qu’ils contemplent. Et lorsqu’ils regardent simultanément des deux côtés, Sîmorgh et Sî-morgh sont une seule et même réalité. (Corbin, 1991, p. 328)*

Na mística sufi, o simurgh assume um papel de extrema relevância, tendo em conta o carácter místico e espiritual, onde a contemplação do simurgh apenas é possível após o conhecimento de si mesmo, dando-se, a partir daí, um renascimento graças ao próprio simurgh como guia. Neste sentido, esta ave pode ter várias interpretações. Por um lado, ser mestre ou guia místico, por outro, uma manifestação de Deus, ou até uma representação de si mesmo e, pelo seu carácter mítico, aproxima-se também da fénix. *A Conferência dos Pássaros*, para além da fábula que relata a viagem das aves até ao seu destino, apresenta uma diversidade de anedotas, de histórias e de pequenas crónicas de carácter simbólico, contribuindo para a aprendizagem do caminho espiritual daqueles que procuram o conhecimento de si mesmos.

## **5. RISĀLAT AL-ITTIHĀD AL-KAWNĪ (O LIVRO DA ÁRVORE E DOS QUATRO PÁSSAROS) DE IBN ‘ARABĪ**

Na *Risālat al-ittiḥād al-kawnī (O Livro da Árvore e dos Quatro Pássaros)* de Ibn ‘Arabī (Muhammad ibn ‘Alī ibn ‘Arabī), o autor remete para a simbologia do Homem Universal e cada um dos elementos presentes na obra, nomeadamente a árvore e as

quatro aves, são representações do Divino. Através dessa fábula espiritual, Ibn ‘Arabī faz uma reflexão filosófico-religiosa sobre o conhecimento de si mesmo. Para este místico, as aves são apresentadas aos pares, como uma manifestação dos princípios ativo e passivo: a pomba (*al-warqā al-mutawwaqa*) e a águia (*al-‘uqāb al-mālik*) representantes do intelecto primordial e da alma universal. E, da união dessas aves, surge uma ave mítica que alguns autores assimilam à fénix (*al-ġarīb al’anqā*), símbolo do andrógino primordial e do carácter passivo, pois esta ave define-se como aquela que não existe como ser definido. Depois, filho da fénix surge o corvo (*al-ġurāb al-hālik*), simbolizando o corpo universal:

Colombe des louanges, j’ai pour demeure le jardin des Idées [...]. (Gril, 1981, p. 103)

Je suis l’Aigle, à moi appartient la station la plus haute,

la beauté, la lumière éclatante et radieuse [...]

Je suis Son émanation sublime, la lumière de Son existence,

lorsque je les appelle, les êtres viennent à moi soumis.

[...] (Gril, 1981, p. 104)

Je suis celui que n’existe pas comme être défini.

Celui à qui ne manque aucune qualification. [...]

Aucune chose ne peut être manifestée, ni saisie ou perçue dans son ensemble sans que je ne m’y trouve.

[...] (Gril, 1981, pp. 107-108)

Je suis le corps de la lumière, le support du dépôt des secrets, le lien de la qualité et de la quantité, la cause de la joie et de la peine, je suis le commandant et le commandé. [...] (Gril, 1981, p. 108)

É de salientar ainda o facto de a águia poder interligar-se a Maomé, no que se refere ao conhecimento espiritual, ela é o pássaro rei. Como afirma Robert-Régor Mougeot, é um «héros androgyne manifestant le divin sur terre». (Mougeot, s/d/p. 11) A fénix (*anqā*) associa-se a Jesus, sendo ainda um símbolo do místico que se une à divindade: «La *anqā* est le symbole du mystique s’envolant vers la divinité, mieux encore, il symbolise la partie de l’être

humain qui s’unit à la divinité, abolissant toute distinction entre créateur et créature». (Mougeot, s/d/p. 15) Quanto ao corvo, ele representa o Ser Humano Perfeito, o Corpo Universal que, para Ibn ‘Arabī, seria representado por Abraão. Através deste texto, Ibn ‘Arabī realça a natureza única de Deus e a diversidade na unidade.

## 6. CONCLUSÃO

Em conclusão, todas as aves referidas nas obras citadas são uma metáfora do ser humano e da sua necessidade em adquirir uma linguagem secreta (neste caso, a linguagem das aves) que lhe permita aceder ao espaço sagrado e à contemplação de Deus. As aves são ainda símbolos dos diversos estados de alma e da ascensão espiritual do homem para Deus. Elas têm um carácter sagrado. Segundo o *Dicionário dos Símbolos Muçulmanos*: «L’oiseau, symbole universel de l’air et des grands espaces, l’est également pour les Musulmans, qui respectent en lui toutes les vertus nobles et son caractère sacré». (Chebel, 1995, p. 307) De todas as aves presentes nas obras citadas, destacam-se o simurgh, a fénix e a poupa, apresentando-se como símbolos místicos na procura espiritual e no conhecimento de Deus. Por outras palavras, nomeadamente através do simurgh, pretende-se demonstrar como o homem consegue conhecer-se a si mesmo e unir-se ao seu Criador (Deus). Através das aves, é possível estabelecer um paralelo entre o homem e a procura do conhecimento, da luz, ou de Deus, passando da ignorância à iluminação, processo que permite o vislumbramento de Deus. Ou, como afirma Ibn ‘Arabī: « Les oiseaux évoluent entre, d’une part, le monde spirituel libre du fait de leur vol dans l’atmosphère et de leur déplacement dans les airs et, d’autre part, le monde corporel du fait de leur forme et de leur constitution». (Ibn ‘Arabi, 1996, p. 193) Segundo o Corão, as aves têm uma linguagem própria e esta era compreendida por Salomão. Na poesia mística, simbolicamente, as aves são um símbolo da imortalidade das almas. Elas são os animais interme-

diários entre o céu e a terra, aspeto muito enraizado também nas crenças berberes advindas já da época pré-islâmica. No misticismo islâmico, como vimos, as aves são metáforas do ser humano na sua viagem à procura de Deus. Elas podem ser também mensageiras e muitas delas são consideradas aves mitológicas.

Em suma, para além de tudo o que já foi referido, a relação das aves com Deus está bem presente no *hadith* 2344 (Cf. Jami' at-Tirmidhi – 36 ), onde está subjacente a importância do ser humano confiar em Deus, para poder obter todos os benefícios e subsistência durante a vida: « Si vous placiez votre confiance en Allah comme il se doit, il vous donnerait certes votre subsistance comme il la donne à l'oiseau. Il part le matin le ventre vide et revient le soir le ventre plein ».

## 7. REFERÊNCIAS

- ATTAR, FARID UD-DIN (2013). *A Conferência dos Pássaros*, trad. António Machado, Barcarena, Editora Marcador.
- CHEBEL, MALEK (1995). *Dictionnaire des symboles musulmans. Rites, mystiques et civilisations*, «OISEAUX», col. Albin Michel «Spiritualités», Paris, Albin Michel.
- CHEVALIER, J. E GHEERBRANT, A. (1998). *Dictionnaire des symboles*. Paris, Editions Robert Laffont.
- CORBIN, HENRY (1991). *En Islam iranien. Aspects spirituels et philosophiques*, Tome 1, *Le Shi'isme duodécimain*, Paris, Gallimard.
- GRIL, D. (éd. et trad.) (1981). *Le livre de l'Arbre et les Quatre Oiseaux d'Ibn 'Arabī. Risālat al-ittihād al-Kawnī, Annales Islamologiques*, tome 17, Institut Français d'Archéologie Orientale du Caire (IFAO), Le Caire, pp. 53-111.
- IBN 'ARABĪ. *L'Interprète des Désirs*, Albin Michel, 1996, p. 193.
- ZIBN SINĀ, ABŪ 'ALĪ, AVICENA (1998). *Risāla del Pájaro*, in Miguel Cruz Hernández (Traducción y notas), Ext. de Avicena, *Tres escritos esotéricos*, Madrid, Tecnos.
- TIRMIDHI, JAMI' AT-. *LIVRE DU ZUHD (ASCÉTISME)*, 36. Hadith n°2344, in <https://bibliothèque-islamique.fr/hadith/sahih-at-tirmidhi/tirmidhi-2344/> (consultado em 23/6/2015).
- MOUGEOT, ROBERT-RÉGOR. *Essai, L'alphabet des oiseaux*, in <http://www.gpsdf.org/esoterique%20doc/essai-alphabet-oiseaux.pdf> (consultado em 23/6/2015).
- NEUVE- EGLISE, AMÉLIE (2007). *Simorgh : de l'oiseau légendaire du Shāhnāme au guide intérieur de la mystique persane*, *Revue THEHIRAN*, n° 19, juin, in <http://www.teheran.ir/spip.php?article242#gsc.tab=0> (consultado em 16/7/2015).
- NUNES, NATÁLIA MARIA LOPES (2013). *Preocupa-te Contigo Próprio* (Abū Ymrān Mūsā) / «Preocupa-te com Deus» (Abū Ŷa'far Al- Uryānī): O Caminho da Perfeição na Via Iniciática da Mística Sufi, in Helder Godinho (dir.), *Da Letra ao Imaginário. Homenagem à Professora Irene Nunes*, p.149-158.
- REZKI, SLIMANE (2012) (introd. et trad.). *Risālat at-Tayir; L'épître de l'Oiseau* de Sheikh Muhammad Abū Hāmid al-Ghazālī, Janvier 2012, Tabernacle des lumières, p. 4, in <http://docplayer.fr/73805481-Risalat-at-tayir-l-epitre-de-l-oiseau-sheikh-muhammad-abu-hamid-al-ghazali-introduction-traduction-par-slimane-rezki.html>
- SHARIFI, H. (1997). *Les oiseaux dans la littérature persane, Images et représentations en Terre d'Islam*, Actes du colloque international de l'Université de Strasbourg, Département d'Études Persanes, 3 et 4 février 1994, Hossein Beikbaghban éditeur, Téhéran, Presses Universitaires d'Iran, pp. 217-228.
- SUHRWARDI (2005). *Récit de l'exil occidental*, trad. Meddeb, Paris, Albin Michel.